
Acessibilidade digital, inclusão e comunicação digital acessível para pessoas com deficiência¹.

Carmen Silvia Porto Brunialti JUSTO²
Luzia Sigoli Fernandes COSTA³

RESUMO

Este estudo apresenta reflexões sobre acessibilidade digital para cidadania de pessoas com deficiência e sua inter-relação com a inclusão, com destaque para a comunicação digital acessível. Foi realizada pesquisa exploratória em fontes bibliográficas, documentais e pesquisa de campo, por meio de levantamento de informações tipo *survey* via formulário eletrônico numa amostra de Organizações Não Governamentais para pessoas com deficiência e, em uma amostra de pesquisadores, desenvolvedores e influenciadores. As análises foram realizadas pelo método cartográfico. O platô comunicação digital acessível indica conexões, agenciamentos e rupturas com os temas: diretrizes e padrões *web*, instâncias de mediação e midiatização, comunicação hospitaleira e planejamento de conteúdos digitais plenamente acessíveis.

PALAVRAS-CHAVE: acessibilidade digital; comunicação digital acessível; inclusão e cidadania das pessoas com deficiência.

INTRODUÇÃO

Acessibilidade é um conceito amplo, pois envolve tanto aspectos em relação ao acesso aos espaços físicos e digitais, assim como a possibilidade de superar barreiras para a efetiva participação na sociedade. A Lei Brasileira de Inclusão (LBI/2015), conceitua o termo acessibilidade no artigo 3º, como: “[...] alcance para utilização, com segurança e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciência, Tecnologia e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (UFScar). Publicitária, professora e coordenadora dos cursos de Comunicação do Centro Universitário Barão de Mauá (CBM), Ribeirão Preto, SP. E-mail: carmen.justo@baraodemaua.br

³ Professora Doutora da Universidade Federal de São Carlos (UFScar). Credenciada no Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS). E-mail : luziasigoli@ufscar.com

autonomia, de espaços mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologia [...]” (LBI, 2015, capítulo 3º.). Desde que esta lei foi promulgada, ampliaram-se os benefícios e melhorias na qualidade de vida, na convivência em sociedade e na garantia dos direitos para as pessoas com deficiência. Porém, especificamente no que se refere a acessibilidade digital, as PcD ainda enfrentam dificuldades de acesso à internet, a softwares e plataformas adaptadas com recursos e interfaces, apesar dos avanços técnicos e tecnológicos.

Para além do que a lei determina, nos capítulos 63 a 73, sobre o acesso à informação e a comunicação, observam-se constantes barreiras tecnológicas no meio digital, em especial em relação ao acesso a sites e conteúdos digitais. Além dos recursos disponíveis em plataformas e sites, acessibilidade digital implica em oferecer internet acessível, no sentido financeiro e de boa qualidade. Nesse contexto, a comunicação digital acessível surge como um campo científico (Bourdieu, 1989), na interface entre os estudos sobre comunicação digital, ciências da informação e comunicação ampliando as possibilidades de avanços em relação aos projetos de comunicação que visam a inclusão e a comunicação plenamente acessível aos diferentes públicos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é o resultado parcial da tese de doutorado “Acessibilidade digital em ONGs brasileiras para pessoas com deficiência: análises, perspectivas e desafios para a inclusão tecnológica e social”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Para a pesquisa foi realizado um levantamento de informações junto a uma amostra de ONGs para PcD da cidade de São Paulo e outro levantamento, junto a uma amostra de pesquisadores, desenvolvedores, gestores e influenciadores sobre o tema da acessibilidade digital. Paralelo a esses levantamentos foi realizada pesquisa bibliográfica e documental sobre dois novos campos de estudos, ainda em construção e com pouca pesquisa acadêmica: os estudos sobre a deficiência, chamados *disability studies* e os estudos e pesquisas sobre acessibilidade digital e comunicação digital acessível. Essas áreas de pesquisas interdisciplinares, formada por pesquisadores da ciência da computação, da saúde, das ciências sociais, da comunicação, ofereceram subsídios científicos e metodológicos para discutir e pesquisar a acessibilidade digital. Nesse

contexto, a comunicação digital acessível é uma área recente, que se configura como um desmembramento do campo da comunicação digital, no que se refere as formas de produção, recepção e mediação das mensagens no meio digital.

As análises a partir do material coletado pelas diferentes frentes de pesquisa foram realizadas por meio da cartografia segundo Petermann (2017), Kastrup (2007) e Rosário (2016). A cartografia tem sido utilizada por pesquisadores de diferentes áreas, entre elas da comunicação, tendo em vista a complexidade de temáticas que se alinham nos diferentes campos de pesquisa desta área e por oferecer a possibilidade de pesquisar assuntos e objetos que não são temas desconectados do desenvolvimento tecnológico e do mundo do trabalho. Na tese mapeamos quatro platôs, conforme seguem: platô ONGs e políticas públicas, platô gestores, desenvolvedores, pesquisadores e influenciadores digitais, platô acessibilidade digital e tecnologias assistivas e platô comunicação digital acessível. Para este trabalho, apresentamos o mapeamento do platô Comunicação Digital Acessível e seus tensionamentos em relação aos temas: comunicação digital acessível, diretrizes e padrões web, instâncias de mediação e mediação (Bonito, 2015), comunicação hospitalar (Pessoa, 2023) e planejamento de conteúdos plenamente acessíveis.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As barreiras para a criação de conteúdos acessíveis no meio digital, em algumas situações, podem ser atitudinais, “aquelas que incluem comportamentos e atitudes em relações sociais que possam dificultar ou impedir os movimentos das pessoas com deficiência” (Pessoa *et al*, 2023, p. 60), ou pela falta de planejamento nos projetos de comunicação e, também, devido às barreiras tecnológicas ou a falta de verba para o acesso a diferentes tecnologias, como a inclusão da linguagem Braille ou a contratação de um intérprete de libras, ou, ainda, pela falta de informação acerca do tema em relação a produção de conteúdo digital.

Para Bonito (2020), as barreiras informacionais se referem a criação de conteúdos que não atendem aos requisitos de acessibilidade e do entendimento das diferentes narrativas. Dessa forma, profissionais da comunicação devem desenvolver boas práticas para a produção de conteúdo, sobretudo no meio digital, que considerem a diversidade de habilidades e competências das pessoas com deficiência (Bonito,2020). As pesquisas

deste professor, sobre a acessibilidade comunicativa, originaram a partir da necessidade que encontrou em sua carreira acadêmica, de adequar suas aulas de jornalismo digital, para atender uma aluna cega do curso. O conceito de mediação, defendida pelo pesquisador, tem aporte teórico nos estudos de Martín-Barbero (1997). Bonito (2015) trabalha com elementos que se destacam como “instâncias de mediação” e reflete sobre o contexto da acessibilidade comunicativa, nos seguintes aspectos: a tecnologia assistiva, o design de acessibilidade universal e a arquitetura da informação. A partir das relações no eixo tecnicidades, Bonito (2015), realizou as suas análises sobre os usos e apropriações realizadas pelas pessoas com deficiência visual “dos conteúdos em processos de comunicação digital”. Outro ponto de análise da tese de Bonito (2015) é em relação aos processos de midiaticização, que se confirma como resultante do avanço tecnológico, segundo uma perspectiva histórica, mas imbricada nas transformações sociais, culturais e econômicas advindas da “era da informação”. Midiaticizar na sociedade contemporânea significa tornar público, divulgar por meio de mídias, conteúdos e mensagens para diferentes públicos.

A partir das contribuições de Bonito (2015/2020), considerando a importância das questões culturais de Martín-Barbero (1997), e o amplo desenvolvimento das mídias na sociedade em rede de Castells (2020), assim como as reflexões de Pessoa (2023), sobre a comunicação hospitaleira, na perspectiva da inclusão das pessoas com deficiência no amplo contexto da comunicação social, partiu-se para uma análise mais específica sobre os conteúdos digitais acessíveis ou comunicação digital acessível, que considera a pluralidade e a diversidade das pessoas, que se conectam por meio de dispositivos digitais. As análises foram feitas segundo os procedimentos cartográficos e as categorias de análise: heterogeneidade, conexões e rupturas.

PRINCIPAIS RESULTADOS

As análises nesse platô indicam conexões heterogêneas e por meio de rupturas que apontam um caminho profícuo para a interface de estudos nos campos da acessibilidade digital e das ciências da informação e comunicação e, mais especificamente o campo da comunicação digital acessível. Essa interface pressupõe um mergulho mais amplo em direção a como gerar conteúdos, para quem, com que intenção e intensidade, e utilizando os recursos digitais disponíveis nas plataformas. Também, pressupõe que a criação de

sites e plataformas devem seguir padrões e diretrizes internacionais, tendo em vista a “experiência do usuário” ao navegar nos dispositivos digitais.

Não identificamos zonas de intensidade nesse campo, mas pontos de interface com os outros platôs elencados na tese, por meio do uso correto das instâncias de mediação e midiatização (Bonito, 2015), da comunicação hospitalar (Pessoa, 2023) e do campo científico da comunicação digital acessível, em processo contínuo de estruturação e construção, além das orientações técnicas sobre UX design para a criação de sites e plataformas plenamente acessíveis. Em especial, destacamos a importância da acessibilidade digital para as pessoas com deficiência que integram as ONGs. São nesses espaços que essas pessoas são acolhidas e preparadas para o mercado de trabalho e para o enfrentamento do cotidiano. Destacamos que a questão da inclusão de pessoas com deficiência no Brasil vai além das necessidades de entaves dos organismos e políticas públicas, pois muitas vezes as suas necessidades são de convivência social e acesso ao trabalho, ao desenvolvimento intelectual e pessoal. As pessoas com deficiência, de acordo com o nível e tipo de deficiência, podem ser inseridas no cotidiano da vida, desde que sejam concedidas condições físicas, intelectuais e sociais para o seu acesso. E, neste contexto, a comunicação digital acessível é uma forma potente de inclusão por meio das tecnologias digitais que compartilham diferentes produtos, serviços e informações.

Tendo em vista essa realidade, no platô comunicação digital acessível, analisamos a possibilidade do surgimento de um campo científico em construção, que pode ter surgido pelos estudos da *disability studies*, e seus desmembramentos para as áreas de pesquisa sociais, humanas e sociais aplicadas. Podemos estar diante de um novo campo (Bourdieu, 1983) de estudos o da comunicação digital acessível. Aqui sugerimos uma proposta de lançar as bases para a estruturação deste campo científico sugerir apontando algumas estratégias : ampliar os estudos teóricos por meio da definição epistemológica do campo, como um *continuum* resultante da mesclagem de diferentes teorias e aportes teóricos que fundamentam as teorias da comunicação, as ciências da informação e a computação, desenvolver estudos e abordagens teórico e prático em relação às tecnologias digitais seja no meio acadêmico e na sociedade como um todo e ampliar a discussão em torno das políticas públicas, tendo como ponto de partida a LBI que oferece o respaldo jurídico para que os estudos sobre comunicação digital e acessível se tornarem uma realidade diária para as pessoas em qualquer situação social, econômica e política (Justo; Sigoli Fernandes, 2022). Consideramos que as análises desse platô são um

desmembramento para futuros estudos e pesquisas que poderão ampliar o desenvolvimento de competências e habilidades nos estudantes de comunicação social em relação a acessibilidade digital e comunicação digital acessível, em suas atividades práticas, profissionais e de pesquisa tendo em vista a inclusão dos diferentes públicos, a inter-relação com o exercício da cidadania das pessoas com deficiência.

REFERÊNCIAS:

BONITO, Marco. Processos da comunicação digital deficiente e invisível: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil. 2015. 348 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4834>. Acesso em: 20 jun. 2024

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-55. (Grandes Cientistas Sociais, 39).

BONITO, M.; CONCEIÇÃO DOS SANTOS, L. Jornalismo Digital: reflexões teóricas e práticas educacionais a partir da acessibilidade comunicativa. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 10, n. 26, p. 28-39, 24 nov. 2020. Disponível em: [Jornalismo Digital | Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo \(abejor.org.br\)](http://www.abejor.org.br). Acesso em: 20 jun. 2024

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

JUSTO, Carmen Silvia Porto Brunialti; FERNANDES, Luzia Sigoli. Comunicação Digital Acessível: Reflexões, interfaces e tensões de um campo científico em construção. **ALCEU**, [s.l.], v. 22, n. 48, p. 216-239, 2022. DOI: 10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.304. Disponível em: <https://revistaalceu.com.pucpr.br/alceu/article/view/304>. Acesso em: 12 jun. 2024.

KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1):15-22, jan./abr. 2007.

MARTIN-BARBERO J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito; Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

PESSOA, Sônia Caldas et al. **Comunicação e acessibilidades: um guia para práticas hospitalares**. Porto Alegre: Fi, 2023. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/706-comunicacao-acessibilidades>. Acesso em: 18 maio 2024.

PETERMANN, Juliana. Do sobrevôo ao reconhecimento atento: a institucionalização da criação publicitária, pela perspectiva do habitus e dos capitais social, cultural e econômico. 2011. 408 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da 225 Comunicação, Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3041>. Acesso em: 18 maio 2024.

ROSÁRIO, Nísia Martins. Cartografia em comunicação: questões de métodos e desafios metodológicos. In: LOPES, Maria Immacollata Vassallo; MOURA, Cláudia Peixoto. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 175-194.